



Luiz Carlos Rodrigues da Silva

**MISTAGOGIA EUCARÍSTICA:
TORNAR-SE CORPO DE CRISTO ATRAVÉS DO
SACRIFÍCIO E DA COMUNHÃO**

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de
Graduação em Teologia como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Fabio de Souza Balbino

Rio de Janeiro

2025

À Santíssima Trindade por toda graça,
Aos meus familiares, amigos, e irmãos de faculdade,
A Congregação da Paixão de Jesus Cristo,
Aos que partiram,
Aos que hoje leem.

Agradecimentos

A Deus, Autor da vida, por ter me concedido tão grande dom, iluminado pelo Espírito Santo, Autor e Fonte de toda sabedoria.

Ao pilar fundamental de minha existência, minha mãe Joselita Rodrigues Diniz, e ao meu pai Carlos Antônio Honorato da Silva, que nunca desistiram de incentivar a continuidade dos estudos.

Ao meu amigo e irmão Dr. Diego Almeida Santos, que com seu conhecimento exímio nas ciências sagradas e com o seu zelo amoroso pela sagrada liturgia, deu efetiva colaboração na escolha do tema deste trabalho.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO, e seu corpo docente e discente, por terem me concedido todo suporte financeiro e espiritual para obtenção deste grau, regado pela ética, lisura e supremacia da igualdade de valores.

A Comunidade Passionista São José e Nossa Senhora das Dores, no Rio de Janeiro, na pessoa do Superior Local, Pe. Francisco Miguel Rodriguez, cp e do formador, Pe. Francisco das Chagas Silva Marques, cp e demais irmãos, pelas orações e fraternidade.

A Congregação da Paixão de Jesus Cristo, pelo incentivo e fomentação do desenvolvimento humano e religioso na pessoa do Superior Provincial – Pe. Edilberto Lins de Menezes, cp e seu respectivo Conselho.

Ao meu orientador, professor Dr. Pe. Fabio de Souza Balbino, pela atenção dedicada em tão pouco tempo, mas com tamanha dedicação, coerência e excelente incentivo intelectual.

Resumo

Silva. Luiz Carlos Rodrigues. **MISTAGOGIA EUCARÍSTICA: TORNAR-SE CORPO DE CRISTO ATRAVÉS DO SACRIFÍCIO E DA COMUNHÃO.** Rio de Janeiro, 2025. 41p. Monografia - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A monografia investiga a mistagogia eucarística como caminho de conformação ao Cristo, por meio do sacrifício e da comunhão. Partindo da centralidade da Liturgia na vida cristã, o texto evidencia a Eucaristia como o ápice da história da salvação, onde o fiel se insere sacramentalmente no Mistério Pascal. A espiritualidade litúrgica é compreendida como uma escola de santidade que transforma a existência do cristão em culto vivo, unindo o tempo presente à eternidade. Fundamentado em fontes bíblicas, patrísticas e magisteriais, o estudo ressalta o sacerdócio eterno de Cristo como mediação entre Deus e a humanidade, sendo modelo de oblação e serviço. A mistagogia não é apenas um processo de instrução, mas um itinerário existencial de participação na vida divina, que conduz o fiel a tornar-se, pela comunhão, aquilo que recebe: Corpo de Cristo. Assim, a celebração litúrgica não se resume a rito, mas é uma ação transformadora que configura o cristão à imagem de Cristo e o introduz na comunhão com a Igreja e com Deus.

Palavras Chaves

Espiritualidade; Liturgia; Eucaristia; Sacrifício; Comunhão; Jesus.

Resumen

La monografía investiga la mistagogía eucarística como camino de conformación con Cristo a través del sacrificio y la comunión. Partiendo de la centralidad de la Liturgia en la vida cristiana, el texto pone de relieve la Eucaristía como el culmen de la historia de la salvación, donde el fiel se inserta sacramentalmente en el Misterio Pascual. La espiritualidad litúrgica se comprende como una escuela de santidad que transforma la existencia del cristiano en culto vivo, uniendo el tiempo presente con la eternidad. Fundamentado en fuentes bíblicas, patrísticas y magisteriales, el estudio resalta el sacerdocio eterno de Cristo como mediación entre Dios y la humanidad, siendo modelo de oblación y servicio. La mistagogía no es solo un proceso de instrucción, sino un itinerario existencial de participación en la vida divina, que lleva al fiel a convertirse, por la comunión, en aquello que recibe: el Cuerpo de Cristo. Así, la celebración litúrgica no se limita a un rito, sino que es una acción transformadora que configura al cristiano a imagen de Cristo e introduce en la comunión con la Iglesia y con Dios.

Palabras clave

Espiritualidad; Liturgia; Eucaristía; Sacrificio; Comunión; Jesús.

Sumário

Introdução	8
A natureza da liturgia	9
A liturgia	9
A História da Salvação e a Liturgia	14
O sacerdócio de Cristo	18
Reflexões Conclusivas	19
A espiritualidade litúrgica	20
Fundamentação Teológica da Espiritualidade Litúrgica.....	20
A Espiritualidade Litúrgica como fonte de Santidade	24
A espiritualidade litúrgica nos sacramentos	25
Reflexões conclusivas.....	29
O sacramento da Eucaristia.....	30
O sacrifício Eucarístico	30
A mistagogia da fração do pão.....	33
A presença real de Cristo na Eucaristia.....	35
Reflexões conclusivas.....	37
Conclusão.....	39
Referências Bibliográficas	40

Lista de siglas

PF – Porta Fidei

CIC – Catecismo da Igreja Católica

SC – Sacrosanctum Concilium

LG – Lumen Gentium

EG – Evangelii Faudium

EE – Ecclesia de Eucharistia

DD – Desiderio Desideravi

Introdução

A Liturgia, em sua mais profunda realidade teológica e existencial, é o lugar privilegiado onde o ser humano encontra-se com o Mistério salvífico de Deus. Mais do que um conjunto de ritos ou expressões devocionais, a Liturgia é o próprio dinamismo da fé cristã, na qual o Mistério Pascal de Cristo é continuamente celebrado e atualizado sacramentalmente na história. A presente monografia, propõe-se a explorar o caminho mistagógico como processo formativo e existencial pelo qual o fiel, por meio do sacrifício e da comunhão, é transformado e configurado ao Cristo, tornando-se com Ele um só Corpo.

Partindo do pressuposto da natureza litúrgica, a pesquisa reconhece que esta se constitui como expressão concreta da economia salvífica — ponto culminante da História da Salvação e fonte perene de santidade (cf. SC 10). Por meio da participação na Eucaristia, que é memorial vivo do sacrifício redentor de Cristo, o cristão não apenas recorda, mas entra sacramentalmente no próprio Mistério do Verbo encarnado, morto e ressuscitado, sendo nele incorporado como membro do seu Corpo místico.

Neste sentido, a mistagogia eucarística não é apenas um processo pedagógico de iniciação, mas uma verdadeira via de conformação ontológica com o Cristo-Sacerdote. A espiritualidade litúrgica emerge, então, como escola de santidade, onde cada gesto, símbolo e palavra litúrgica está impregnado de força performativa e graça transformadora. Alimentado pela Palavra e pela Mesa eucarística, o fiel é convocado a viver uma vida de oblação contínua, num sacerdócio batismal que o configura a Cristo oferente (cf. CIC 1545), tornando sua existência uma liturgia viva, um culto em espírito e verdade.

Em suma, este trabalho busca demonstrar que a Eucaristia não é apenas o ápice da celebração litúrgica, mas o coração pulsante da vida e da espiritualidade cristã. É nela que o tempo humano é atravessado pelo eterno, e o culto terrestre se une à liturgia celeste (cf. CIC 1136), conduzindo o fiel à plenitude da comunhão com Deus e com os irmãos, antecipando já nesta vida a realidade escatológica do Reino.

1

A natureza da liturgia

Pode-se dizer que a Liturgia tem lugar central na vida e na missão da Igreja Católica, porque é a continuidade da celebração Pascal que é vivenciada até hoje por meio da espiritualidade sacramental presente na Igreja. Neste capítulo percorreremos um itinerário para compreender sua natureza e os principais aspectos da ação litúrgica na Igreja, e sua relação com a história da salvação e o sacerdócio de Cristo.

1.1

A liturgia

Não se remonta apenas ao caráter religioso, porém para nós o importante é destacarmos e caminharmos de forma mais profunda sobre o seu significado para a espiritualidade cristã. Mas isso não nos impede de fazermos um pequeno percurso sobre os principais fatos da sua história para ajudar na compreensão do contexto deste capítulo. Para isto, é indispensável recordarmos alguns dos seus aspectos pois o Mistério Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo é prolongado até hoje pelo tempo da Igreja.

O termo liturgia é proveniente do grego *leitourgia*, e, em sua terminologia, nos apresenta o contexto que indica obra ou ação que é assumida livremente como uma atividade particular ou comunitária em favor de um povo, bairro ou cidade. Este caráter foi perdendo o sentido com o tempo, porque qualquer trabalho a serviço do Estado ou de uma entidade religiosa passou-se a ser chamar de liturgia. Na tradução grega da LXX, vai apresentar dois sentidos para a liturgia o primeiro a partir da concepção do Antigo Testamento e o segundo sentido referente ao Novo Testamento.¹

Para o teólogo Matias Augé, a história deste vocabulário recebeu vários significados e possui um sentido cultura que remonta a diversas épocas:

O termo «liturgia» provém do grego clássico. A palavra grega *leitourgia* (verbo: leitourgein; substantivo de pessoa: *leitourgos*) deriva da composição de *laos* – jônico e ático

¹ DICIONÁRIO de liturgia, p. 638-639

leos – (= povo) e de *ergon* (= obra). Traduzindo literalmente, leitourgia significa, portanto, «serviço feito ao povo» ou «serviço diretamente prestado para o bem comum».²

Ainda segundo Matias Augé, o sentido original da terminologia *leitourgia* era restrito entre os povos helênicos para designar uma atribuição que é determinado pelas leis em benefícios da coletividade. “*Havia diversos tipos de liturgias: a organização do coro no teatro grego, o armamento de uma nave, a recepção de uma tribo em razão de festas nacionais, etc.*” No Antigo testamento, o termo liturgia significava sempre o serviço religioso dispensado pelos levitas a Javé, primeiro manifestado na ‘tenda’ e posteriormente, no Templo de Jerusalém:

Assim continua a descrever Matias Augé:

No Antigo Testamento (segundo a versão grega dos LXX, por volta de 250-150^{a.C}), o termo usa-se para indicar o serviço cultural do templo por parte dos sacerdotes e levitas. *Leitourgia*, portanto, é uma palavra técnica aplicada ao culto público e oficial, realizado por uma determinada categoria de pessoas, distinto do culto privado rendido pelo povo, para o qual a própria tradução dos LXX reserva as palavras *latreia* e *douleia* (adoração, honra). Notemos que o termo *leitourgia*, que os LXX introduziram no léxico religioso do judaísmo helenístico, era particularmente adequado para expressar as características do mistério cultural de Israel. De facto, continha os significados de: função pública e vinculada com certa solenidade, prestação de utilidade geral, missão reservada a quem está formalmente revestido da mesma.³

O dicionário nos aponta que era o termo técnico usado à época para as atividades de culto público e oficial, segundo os costumes e a legislação do tempo e suas categorias sacerdotais de mediação.⁴ O memorial litúrgico no Antigo Testamento não era apenas uma simples recordação, mas algo mais significativo e sagrado “era objetivamente, uma ação (em gestos, ritos e palavras) que, através da solene proclamação ritual, tinha potência de gerar uma presença no meio do povo de Deus: a presença sempre atual do Senhor na história.” Era uma ação cujo objetivo era a manutenção da relação entre Deus e o homem, a fim de recordar as maravilhas operadas por Ele em favor de seu povo; e essa recordação, em gestos e palavras, teria, de maneira eficaz e concreta, uma nova ação em suas vidas.⁵

Posteriormente, no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos, o termo liturgia não aparece como sinônimo de culto, mas vai ganhar uma “purificação”:

E é provavelmente por este caminho de comparação exterior que o termo ‘liturgia’ já privado do seu sentido cultural levítico específico, adquire direito de cidadania na igreja

² AUGÉ, Matias, Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 11

³ AUGÉ, Matias, Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 12

⁴ DICIONÁRIO de liturgia, p. 639

⁵ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro, Liturgia no Espírito, p. 58

primitiva, designando o seu culto, que será totalmente novo no conteúdo, porque acontece dentro da realidade nova do sacerdócio de Cristo, ainda que na forma continue, sob muitos aspectos, ligados à sua origem judaica, pela qual a igreja grandemente influenciada.⁶

Podemos chamar essa nova purificação de uma passagem, pois é caracterizada pela continuidade e pela ruptura. Neste aspecto, Matias Augé descreve:

É necessário advertir, antes de mais, a posição adoptada por Jesus frente ao serviço litúrgico judaico, durante a sua actividade pública. A primeira impressão é de uma atitude misturada de dependência e de liberdade. Por um lado, Jesus observa as práticas culturais do seu povo; mas, por outro lado, é fiel à linha dos profetas que exigem a primazia do espírito sobre o rito (cf. Mt 5,23-24; Mc 12,33). Cristo resumiu e centrou a lei no cumprimento do preceito do amor a Deus e ao próximo. De modo semelhante, no âmbito do culto recorda e põe a descoberto as exigências fundamentais que condicionam o valor ou a nulidade do mesmo culto: o amor e o perdão do irmão (cf. Mt 5,23-24;15,5-9; Mc 7,6-9). Mais ainda, Cristo inaugura um novo culto oferecido como a própria vida, tal como o viveu e exemplificou Ele mesmo.⁷

No Primeiro Testamento, com o anúncio da Boa Nova, ou seja, com o Reino de Deus, essa purificação torna-se evidente, pois exclui o ordenamento cultural do Antigo Testamento e do Judaísmo. A liturgia Cristã, a partir de Jesus Cristo, passa a uma nova organização; ela não fica a margem da vida, mas vai muito além, constitui homens para viverem em Cristo. “*A existência de Cristo é a plenitude do cristão. Por isso, tudo o que merece o nome de culto está marcado pelo acontecimento definitivo realizado por Deus em favor dos homens ao ressuscitar Jesus dentre os mortos*”.⁸

É evidente que o culto, ou seja, a Liturgia, ganhou, ou melhor, transformou-se a partir do Segundo Testamento, porque, a partir de Cristo, Deus se uni ao seu povo. Nesse sentido, a liturgia cristã difere radicalmente de uma representação simbólica ou puramente didática. Como explica Joseph Ratzinger, “*a liturgia cristã é o culto da nova aliança, no qual a realidade histórica e salvífica de Cristo é perpetuada através do tempo*”.⁹

Neste aspecto, estamos diante de uma nova concepção, onde Cristo com sua forma de ser e de agir, vai substituir o dualismo sagrado x profano pelo novo sentido de culto, ou seja, de uma nova liturgia baseada na santificação daquilo que era até então profano. Jesus entrega sua vida para nos ensinar uma nova pedagogia:

⁶ DICIONÁRIO de liturgia, p. 639

⁷ AUGÉ, Matias, Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 19.

⁸ AUGÉ, Matias, Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 20.

⁹ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Espírito da Liturgia, p.47

Resumida num gesto ritual, repetível, celebrativo, Jesus entrega sua vida aos discípulos para que o recordem no rito («Fazei isso em memória de mim») e na própria existência («Tomai comei») inseparavelmente. Jesus não celebrou um sacrifício ritual, mas o da sua vida (morte com dom e oferenda de si), embora nos desse um «memorial» que adopta algumas formas rituais: Santa Ceia (provavelmente num contexto de assembleias oficiais em lugares sagrados destinados às massas).¹⁰

Com isto, Cristo inaugura para os cristãos a possibilidade de transformar sua vida também em uma espécie de oferenda agradável a Deus e aos irmãos e essa mediação só é possível n'Ele. Esse novo aspecto é constituído pelo Kairós, ou seja, o tempo da salvação, isto é, “*Na celebração litúrgica, a Igreja é serva à imagem de seu Senhor, o único ‘liturgo’, participando de seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e régio (serviço de caridade’*”). Assim, os cristãos que, reunidos em comunidades, celebram sua liturgia desempenham não apenas um serviço aos irmãos, mas também é oferenda agradável a Deus, que acolhe por meio do culto celebrado.¹¹

As primeiras raízes da Igreja Católica se deram a partir da esteira do Judaísmo, onde se espelhou para reunir os elementos dos seus primeiros passos. Para Matias Augé, os primeiros companheiros e até o próprio Cristo participaram de cultos judaicos (Jo 2,16; Mt 5,23-24;8,4). Mas, posteriormente, foram se afastando, demonstrando para nós uma relação de continuidade e descontinuidade com o Primeiro Testamento. Isso vai gerar novas formas cultuais, sem negar as raízes judaicas ulteriores da liturgia cristã.¹²

Jesus realiza a liturgia da adoração “*em espírito e em verdade*” (Jo 4,20-26), onde apresenta o seu próprio corpo como o novo templo de culto (Jo 2,19-22). Cristo não vai oferecer ao Pai um sacrifício, à maneira dos muitos sacrifícios ofertados no templo, mas ele se coloca junto ao Pai, tornando-se uma oferenda radical, oferecendo-se por inteiro e inclusive sua obediência até a morte (cf. Hb 9,14; 10, 4-10).¹³ Sua morte obediente é novo sacrifício litúrgico e definitivo (cf. Mt 20,28), o sangue que jorrará é a instituição da nova aliança (Mt 26,28). E assim é inaugurado o que podemos chamar de liturgia ou culto da Igreja.¹⁴ Sendo Jesus o Cordeiro imolado e Ele mesmo o sinal vivo da nova aliança a Igreja primitiva buscava vivê-lo concretamente na vida dos seus membros:

¹⁰ AUGÉ, Matias, Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 22

¹¹ CIC, n.1070

¹² AUGÉ, Matias, Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 26

¹³ DICIONÁRIO de liturgia, Liturgia p. 275

¹⁴ DICIONÁRIO Encyclopédico da Bíblia, p. 343

A comunidade de Jerusalém participava do culto no templo (At 2,46;3,1). Mesmo São Paulo o fez, atendendo a um conselho do grupo em torno de Tiago (21,17-26). De outro lado crescia a consciência de que o culto sacrificial judaico encontrara o seu cumprimento na pessoa de Cristo como o centro do novo culto (At 6, 8-7,53).¹⁵

É a partir de Jesus Cristo que o discurso sobre o culto ou celebração litúrgica tem como o objetivo principal reunir-se como podemos verificar em Mt 18,20; 1Cor 11,17.20.33-34; 14,23.26; At 4,31; 20,7-8; Heb 10,25; Tg 2,2) para estarem em oração e posteriormente esta liturgia foi evoluindo e ganhando novos significados e lugares. No livro de Atos dos Apóstolos é narrado que os primeiros cristãos “*partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus.*” (At 2,46).¹⁶

Entendemos que a Liturgia é uma ação do Cristo todo (“*Christus totus*”), onde, ao celebrarmos em festa, estabelecemos uma comunhão entre a Liturgia terrestre, isto é, os que ainda estão celebrando o tempo da graça pelos sacramentos, e a Liturgia Celeste, com aqueles que já participam na plenitude com o Cristo.¹⁷ É a comunidade inteira, o Corpo de Cristo unido à sua Cabeça, que celebra. Por isso, podemos dizer que o que celebramos não são funções privadas, mas celebrações que demonstram nossa unidade, o povo santo reunido e organizado sob a autoridade da Igreja.¹⁸

Com isso, a liturgia é o ponto alto para onde caminha toda a atividade da Igreja e ao mesmo tempo, é a fonte de onde jorra do seu poder: *A liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força*¹⁹ É lugar de privilégio para se ouvir, sentir e molda-se a partir da catequese que está intrinsecamente ligada a toda atividade litúrgica e sacramental, pois é nos sacramentos, especialmente o da Santíssima Eucaristia, que Cristo realiza sua transformação em plenitude na vida daqueles que estão em comunhão.²⁰

¹⁵ DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia, p. 347

¹⁶ AUGÉ, Matias, Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 27

¹⁷ CIC, n.1136

¹⁸ CIC, n.1140

¹⁹ SC, n.10

²⁰ CIC, n.1074

1.2

A História da Salvação e a Liturgia

No tópico anterior, vimos que a Liturgia não é apenas um conjunto de ritos, mas que possui uma profundidade teológica que relacionaremos com a história da salvação. O Catecismo da Igreja Católica afirma que, pela ação litúrgica atualizamos na liturgia terrestre a história da salvação.²¹ Intrinsecamente ligada à História da Salvação, a Liturgia manifesta a presença de Deus. Ao longo da história, Deus revelou-se progressivamente ao seu povo, culminando na plenitude dos tempos com o envio de seu Filho. Assim, “*na Liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o seu Mistério Pascal*”²². Não podemos compreender a Liturgia como uma simples recordação de eventos passados, mas uma atualização sacramental desses mistérios na vida da Igreja, por meio da ação do Espírito Santo.

Para aprofundar esta compreensão é importante caminharmos sobre o conceito *tipológico* na Bíblia. Conforme, Cipriano Vagaggini, esta relação se dá por meio de um *esboço* e da *realização* entre as duas coisas nas quais se concretizam com o Mistério Pascal de Jesus Cristo. Assim, o fato que antecede a coisa é o *tipo* e a coisa subsequente é o *antítipo*, ou seja, a realização mais perfeita da ideia apresentada na prática, vejamos como o autor define:

A coisa antecedente é o tipo: uma primeira expressão, um primeiro esboço, um primeiro rascunho prefigurativo. A coisa subsequente é o antítipo: a realização mais perfeita e mais completa de uma mesma ideia. Entre tipo e antítipo existe, portanto, aos olhos de Deus, uma relação intrínseca de preparação e prefiguração: Deus, realizando a coisa antecedente, tinha já em vista a subsequente. É claro, assim, que o pleno significado ou a plena razão de ser do tipo, no desenvolvimento histórico do mistério de Cristo, história sagrada, não pode ser entendido senão por referência ao antítipo.²³

Nesse aspecto, o tempo da promessa é o que o autor caracteriza como sendo *tipo* – onde é elaborado o esboço para uma realização futura. Posteriormente teremos a plenitude dos tempos, que se dá com a Encarnação e manifestação de Jesus Cristo que é o *antítipo* – onde é a consumação da aliança proposta por Deus na história da salvação desde o princípio com o plano eterno do Pai (cf. Ef 1,3-6; 2Tm 1,9; 1Tm 2,4). No primeiro testamento, Deus falou com o seu povo, por meio dos patriarcas e dos profetas, para instituir sua aliança com Israel. Posteriormente,

²¹ CIC, n.1067

²² CIC, n.1085

²³ VAGAGGINI, Cipriano. O sentido Teológico da Liturgia, p. 410

foi introduzida a partir do tempo da promessa a plenitude dos tempos que é compreendida a partir da ação ministerial de Cristo a Boa Notícia/Boa Nova (cf. Jo 1,14), trazendo, pela encarnação, a efetivação da aliança Criador e criatura (cf. 1Cor 15, 45-49). O tempo da graça possibilitou o tempo da Igreja, que também é o tempo de Cristo a partir do Mistério Pascal o qual se prolonga na Igreja pela espiritualidade dos sacramentos.²⁴

No primeiro testamento temos as espiritualidades da Torá, profética, dos salmos e sapiencial. Neste aspecto, vemos que o Deus transcendente se revela a partir de determinadas realidades históricas e cosmológicas. Para Danilo Modoni, a Torá é o instrumento concreto de salvação, através da materialização, para conduzir o povo na consciência de um novo tecido social. A espiritualidade, nesta dimensão, é dada a partir da narrativa histórica “*Deus e o ser humano se encontram vivendo a mesma existência; à presença espacial Deus opõe o tempo como lugar privilegiado para sua epifania.*”²⁵ A espiritualidade profética se dá pela fidelidade à revelação de Deus na história, e sua missão é caracterizada pela comunicação da Palavra de Deus com o objetivo de criar uma íntima união entre céu e terra. Os Salmos são configurados como a oração do povo de Deus (Israel) e possuem uma variedade em suas formas: hinos, de ação de graças, súplicas, ato de confiança, penitenciais e meditações. A espiritualidade sapiencial é marcada pelo impulso na busca de deslocar para novas direções que possa conduzir o povo de Deus para eventos salvíficos: “*é um convite a não cair na loucura do pecado (retribuição imanente) e um apelo a valorizar toda realidade humana e terrestre numa perspectiva encarnacionista.*”²⁶

O Segundo Testamento apresenta a espiritualidade cristã, que é proposta a partir da vivência de fé testemunhada pelos *sinóticos* e, posteriormente, pelas comunidades: paulina, joanina e entre outras; contudo, não pretendemos aprofundar neste trabalho por não ser objeto direto do presente estudo. Para Danilo Modoni, a base desta espiritualidade está alicerçada no Primeiro Testamento, como continuidade, porém também como uma descontinuidade, ou seja, elementos novos vejamos o que autor diz:

²⁴ VAGAGGINI, Cipriano. O sentido Teológico da Liturgia, p. 412

²⁵ MONDONI, Danilo. Teologia da Espiritualidade Cristã, p. 22

²⁶ MONDONI, Danilo. Teologia da Espiritualidade Cristã, p. 23

Não foram os cristãos criaram o conceito de nova aliança, mas o profeta Jeremias (Jr. 31,31-34), ou um dos redatores deutero canonistas desse livro homônimo. Segundo a interpretação desses redatores, Israel já recebe o dom da nova aliança em sua história pós-exílica, e, desde que não volte a pecar, já está na nova aliança; para os autores do NT essa promessa, e toda sua profundidade e radicalismo, somente encontra cumprimento no Messias Jesus e nos que creem nele. Para o NT o sermão da montanha pretende ser a interpretação escatológica e a radicalização da Torah.²⁷

Desta forma, a proposta em Jesus Cristo possui como núcleo central o Reino de Deus, que é iniciativa do próprio Deus, mas que carece da coparticipação humana e da sua capacidade em corresponder a este chamado. Assim, Atos 2,42 é um resumo do programa espiritual proposto para a formação cristológica. Desta forma, na teologia paulina, encontramos que o ponto central é tornar acessível a todos a revelação do amor de Deus a partir de Jesus Cristo, conforme define o autor:

A salvação se realiza por meio de uma nova solidariedade do ser humano com o Messias Jesus, o novo Adão, princípio de uma nova humanidade. A iniciativa de Cristo corresponde uma transformação do sujeito (nova criatura): torna-se filho, no Filho; o “em Cristo” é o âmbito vital do cristão. A relação com Cristo produz uma ética nova regida pela lei do Espírito. O crescimento pessoal a que Deus chama o ser humano se obtém pelo uso responsável da liberdade, guiada pelo amor. A ascética é importante para renovar o ser humano. O resultado da renovação efetuada por Cristo é a nova qualidade das relações humanas: o desaparecimento das barreiras entre os seres humanos.²⁸

Não obstante, as características da história da salvação e da liturgia estão interligadas, pois não se esgotam considerando os aspectos históricos e teológicos descritos ao longo deste trabalho. A teologia, no Primeiro Testamento se dá no *tempo da promessa* onde o Senhor fala aos patriarcas e profetas que reúnem o povo para a vivência e prática da lei a partir da realidade de Israel. Posteriormente dá-se a manifestação da *plenitude dos tempos* com a encarnação do Verbo, manifestação e anúncio da Boa Notícia/Nova do Reino. Depois essa efetivação será prolongada a partir do *tempo da graça* – a vivência prática da ação ministerial e sacramental de Cristo no seio da Igreja –por meio do Mistério Pascal que nos oferece ação santificadora e libertadora por intermédio do sacramental.²⁹

A teologia sacramental nasce na plenitude dos tempos a partir da graça de Deus por meio de seu Filho. É pela liturgia que a Igreja perpetua esta graça quando se reúne para celebrá-los.³⁰ Em sua linguagem, os sacramentos nos conduzem à transformação da prática humana, ou seja, possuem caráter performativo na vida do

²⁷ MONDONI, Danilo. Teologia da Espiritualidade Cristã, p. 25

²⁸ MONDONI, Danilo. Teologia da Espiritualidade Cristã, p. 26

²⁹ MONDONI, Danilo. Teologia da Espiritualidade Cristã, p. 26

³⁰ CIC, n. 1127

cristão.³¹ É um forte apelo à abertura e, consequentemente, a uma receptividade da graça de Deus, manifestada nos gestos rudimentares da vida humana. Por meio dos sacramentos, em sua liturgia, temos acesso à graça divina que emana do Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

O Concílio Vaticano II afirma que a teologia sacramental litúrgica é chave para se compreensão da história da salvação. O documento conciliar *Sacrosanctum Concilium* reforça o que aqui escrevemos ao afirmar que “nas celebrações litúrgicas se realiza a obra da nossa Redenção”³², ou seja, a Liturgia é o modo pelo qual a salvação realizada por Cristo é comunicada até hoje aos fiéis.

Nessa mesma linha de pensamento, o Papa Bento XVI, na carta apostólica *Porta Fidei*, relaciona a história da salvação com a Liturgia, enfatizando que a fé cristã não é um conjunto de regras ou teoria de crenças, mas um caminho que se inicia com o Batismo e se concretiza com a participação efetiva na vida da Igreja:

Na verdade, a seguir à profissão de fé, vem a explicação da vida sacramental, na qual Cristo está presente e operante, continuando a construir a sua Igreja. Sem a liturgia e os sacramentos, a profissão de fé não seria eficaz, porque faltaria a graça que sustenta o testemunho dos cristãos.³³

Conforme Bento XVI, a liturgia é essencial para que haja a transmissão da fé, que se encontra pelo alimento espiritual para a jornada de salvação.

O Papa Francisco, na carta apostólica *Desiderio Desideravi*, afirma que a Liturgia é o “hoje” da história da salvação e que jamais pode ser confundida como uma mera representação:

“Desde o princípio que a Igreja foi consciente de que não se tratava de uma mera representação, mesmo que sagrada, da Ceia do Senhor: não teria tido qualquer sentido e ninguém poderia ter pensado em “pôr em cena” – e ainda mais sob o olhar de Maria, a Mãe do Senhor – aquele altíssimo momento da vida do Mestre. Iluminada pelo Espírito Santo, a Igreja entendeu desde o primeiro instante que aquilo que era visível de Jesus, aquilo que se podia ver com os olhos e tocar com as mãos, as suas palavras e os seus gestos, o caráter concreto do Verbo encarnado, tudo d’Ele tinha passado para a celebração dos sacramentos”³⁴

Desta forma, entendemos que, nas celebrações litúrgicas, em suas diversas manifestações e paraliturgias, são invocados os principais eventos da história da salvação: os dos Primeiro Testamento, que encontra sua realização profética em

³¹ SC, n. 59

³² SC, n. 2

³³ PF, n. 9

³⁴ DD, n. 8

Jesus Cristo, e os dos Segundo Testamento, que se dá pela ação profética do próprio Cristo quando viveu, morreu e ressuscitou, e o tempo da Igreja, do qual o Senhor continua a manifestar sua misericórdia e graça por meio da economia sacramental da salvação. Os sinais sensíveis instituídos por Cristo comunicam a graça de Deus e inserem diretamente na história salvífica, tornando-os participantes do Reino de Deus que já está presente e ainda aguarda sua plenitude escatológica.³⁵

1.3

O sacerdócio de Cristo

Não obstante, o fundamento da Liturgia cristã está no sacerdócio eterno de Jesus Cristo. Como mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5), Jesus é o Sumo Eterno Sacerdote, que ofereceu a si mesmo como sacrifício perfeito ao Pai (cf. Hb 7,24-27; 9,11-14). Essa entrega se torna eterna e se atualiza por meio da ação litúrgica, sobretudo na Eucaristia, que é “*memorial da morte e ressurreição do Senhor*”³⁶

O Catecismo da Igreja Católica ensina que “*Cristo é o verdadeiro sacerdote, pois é ao mesmo tempo aquele que oferece e é a oferta, o sacerdote e a vítima*”. Cristo, ao instituir a Eucaristia na Última Ceia, antecipou sacramentalmente seu sacrifício e o confiou à Igreja para que fosse perpetuado até o fim dos tempos.³⁷

Jesús Castellano apresenta uma abordagem espiritual e existencial do sacerdócio de Cristo; em seu argumento, ele afirma que o sacerdócio de Jesus não deve ser compreendido como apenas uma função litúrgica, mas que antes de tudo como uma forma de vida que inspira e busca modificar existência cristã para a salvação do homem: “*O sacerdócio de Cristo é uma oblação contínua ao Pai e à humanidade, modelo para todo cristão*”³⁸

É perspicaz destacarmos que nesta perspectiva temos uma dimensão vivencial da forma litúrgica do sacerdócio: o cristão é chamado a viver em atitude de entrega, serviço e intercessão. Entendemos que Castellano valoriza a

³⁵ CIC, n. 1093-1103

³⁶ SC, n. 47

³⁷ CIC, n. 1545

³⁸ CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: Teologia, celebração, experiência, p. 98

participação integral do fiel na liturgia como caminho de conformação a Cristo sacerdote.

O autor em questão, destaca que a liturgia é o modo habitual onde o mistério da salvação é comunicado, pela palavra e pelos sacramentos da Igreja. Ele vai ratificar o que falamos anteriormente sobre a liturgia não ser apenas uma expressão ritual, mas ser a contínua celebração do mistério de Cristo e do Espírito, que acompanha a experiência cristã desde o Batismo até a passagem pascal da morte.³⁹

Essa perspectiva enfatiza a liturgia como uma realidade viva e dinâmica, que molda a espiritualidade cristã ao longo de toda a vida. A Igreja vai definir que “*Liturgia é obra de Cristo Sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja*”.⁴⁰ Por isso, compreendemos que o sacerdócio exercido por Cristo é único e definitivo, e todos os sacramentos, gerados no tempo da Igreja, são frutos desse sacerdócio pleno. Desta forma, por intermédio do Batismo, o crente participa do sacerdócio comum, e por meio da Ordem, os ministros ordenados são convidados a se configurar a Cristo, que é a Cabeça na Liturgia.⁴¹

1.4

Reflexões Conclusivas

Neste capítulo buscou refletir sobre a natureza da Liturgia que nos conduz ao coração da vida cristã: a comunhão com Deus por meio de Cristo, no Espírito Santo. A Liturgia não é um simples rito ou tradição religiosa, mas o acontecimento salvífico atualizado no tempo presente. Nela, a história da salvação se faz presente, e o Mistério Pascal de Cristo é celebrado sacramentalmente, permitindo que cada fiel participe ativamente da Redenção. Assim, a Liturgia é o espaço onde o céu toca a terra, e o tempo humano é invadido pela eternidade divina.

É por meio do sacerdócio eterno de Cristo, que a Liturgia assume seu caráter de mediação eficaz entre Deus e os homens. Cristo é o Sumo Sacerdote que oferece, e ao mesmo tempo é a própria oferenda. Na Eucaristia, esse sacrifício se torna memorial vivo, fonte de graça e modelo de entrega para os fiéis. Com isso, a

³⁹ CASTELLANO, Jesús. Liturgia e vida espiritual: Teologia, celebração, experiência, p. 40

⁴⁰ CIC, n. 1071

⁴¹ CIC, n. 1141-1144

Liturgia não é algo que se assiste, mas algo que se vive, pois o culto verdadeiro exige a oferta da própria vida, unida à oblação de Cristo.

Portanto, celebrar a Liturgia é entrar no mistério do amor de Deus revelado em Cristo e acolhido pela Igreja. É viver a fé em comunhão, com profunda consciência de que cada gesto litúrgico não apenas recorda, mas realiza a salvação. A vida do cristão torna-se, então, uma liturgia contínua, onde cada ato, unido ao sacrifício de Cristo, transforma o mundo em altar e a existência em louvor.

2

A espiritualidade litúrgica

A espiritualidade litúrgica constitui o centro da vida da Igreja, sendo expressão privilegiada da comunhão entre os fiéis e Deus. Neste capítulo percorreremos um itinerário para compreender o que a tradição católica chama de “*culmen et fons*” da vida e missão da Igreja, conforme afirma o Concílio Vaticano II, na *Sacrosanctum Concilium*.⁴² Por meio deste importante documento, buscaremos compreender a fundamentação da espiritualidade litúrgica não apenas no aspecto devocional, mas como a própria realização da vida cristã em sua plenitude celebrativa.

2.1

Fundamentação Teológica da Espiritualidade Litúrgica

A espiritualidade litúrgica, em sua essência, é a busca da união direta com o divino. No contexto cristão, especialmente à luz da doutrina católica, essa união ocorre por meio da graça e se realiza em Jesus Cristo, como mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5). Ela ocupa o centro na vida da Igreja porque nasce do Mistério Pascal de Cristo, que é celebrado e tornado presente nos sacramentos, de modo especial pela Eucaristia. Recordamos que o Catecismo da Igreja Católica define a ação litúrgica como cristocêntrica, trinitária e eclesial:

⁴² SC, n. 10

A palavra “liturgia” significa originalmente “obra pública”, “serviço da parte do povo e em favor do povo.” Na tradição cristã, ela quer expressar que o povo de Deus toma parte na “obra de Deus.” Pela liturgia, Cristo, nosso redentor e sumo sacerdote, continua em sua Igreja, com ela e por ela, a obra de nossa redenção.⁴³

Como falamos anteriormente, a ação litúrgica é o ápice para qual toda a ação da Igreja caminha e que ao mesmo tempo é a fonte de onde emana toda a sua força. Também é por meio dela que acontece a ação de catequese e restauração daqueles que participam e são tocados por seu sacramental, onde Cristo age para a transformação dos homens.⁴⁴

O monge beneditino do século XX, Cipriano Vagaggini (1909- 1999), desenvolve uma concepção teológica profunda sobre a liturgia como um lugar privilegiado para o desenvolvimento da espiritualidade cristã. Em seu pensamento, o monge deixa claro que a liturgia é a continuação sacramental da obra salvífica de Deus, manifestada por meio de Jesus Cristo e que a espiritualidade litúrgica brota desta realidade.⁴⁵ É pela ação litúrgica, lugar teológico por excelência, onde a salvação se atualiza de forma sacramental e eficaz que “*a espiritualidade litúrgica não é apenas um reflexo subjetivo da celebração, mas é gerada e sustentada pela própria ação litúrgica, que é obra de Cristo e da Igreja*”⁴⁶

Cipriano Vagaggini ainda enfatiza que “*A espiritualidade litúrgica se alimenta da Palavra proclamada e do Sacramento celebrado; é uma espiritualidade que educa a pessoa a viver segundo os tempos litúrgicos, a moldar a própria vida segundo o mistério pascal*”⁴⁷ Ele ainda vai afirmar que a Liturgia é uma ação de Cristo e da Igreja e por isso que toda a espiritualidade autêntica é comunitária e enraizada na vida eclesial: “*Não existe espiritualidade litúrgica autêntica fora da comunhão com a Igreja, pois é na Igreja de Cristo continua sua ação salvífica*”⁴⁸

Já para a doutrina católica, a espiritualidade litúrgica é fruto da ação direta do *Pneuma*, ou seja, do Espírito Santo. O Concílio Vaticano II é fundamental para ajudar nesta compreensão, pois ele vai reconhecer a vocação do homem à santidade, o que implica diretamente a uma vivência integral do homem na ação litúrgica:

⁴³ CIC, n. 1069

⁴⁴ CIC, n. 1074

⁴⁵ VAGAGGINI, Cipriano. Senso Teologico della Liturgia. p. 85

⁴⁶ VAGAGGINI, Cipriano. Senso Teologico della Liturgia. p. 85

⁴⁷ VAGAGGINI, Cipriano. Senso Teologico della Liturgia. p. 127

⁴⁸ VAGAGGINI, Cipriano. Senso Teologico della Liturgia. p. 150

*“Todos os fiéis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade.”*⁴⁹ Ainda a *Lumen Gentium* afirma que esta ideia de união conduz o cristão à santidade e que não a torna privilégio de poucos, mas, pelo contrário, é graça aberta e disponível para todos: “*Os fiéis, vivendo em todas as condições e deveres da vida, santificar-se-ão cada vez mais, se tudo aceitarem com fé da mão do Pai Celeste e cooperarem com a vontade divina, manifestando a todos, mesmo no trabalho temporal, a caridade com que Deus amou o mundo.*”⁵⁰

Desta forma, esta experiência, ocasionada pela ação do Pneuma, confirmada pelo Concílio do Vaticano II, nos ajuda a entender como é construída esta dinâmica que é manifestada na Igreja por meio de uma ação que é salvífica e pedagógica. O teólogo Luiz Fernando Ribeiro afirma que o Espírito Santo, o mesmo derramado em Pentecostes, introduz na vida da Igreja uma experiência nova e definitiva sobre o projeto salvífico de Deus. Realidade esta que é plasmada fundamentalmente pelo Pneuma, o qual constituiu como tarefa a busca de um estilo de vida que pudesse expressar a vivência do Mistério Pascal.

Assim, diz Luiz Fernando Ribeiro Santana:

Com efeito, o Espírito derramado em Pentecostes introduz a Igreja numa experiência radicalmente nova e definitiva, em relação às inúmeras fases do projeto criador e salvífico de Deus. Segundo essa mesma ordem, o mistério da encarnação do Verbo e o evento pascal de Jesus Cristo – em seu núcleo pneumatosoteriológico – constituem as realidades que conferem sentido às demais etapas da *história salutis*. A vinda do Espírito e a fundação da Igreja são realidades conexas e consequentes. O corpo de Cristo é uma realidade plasmada pelo Pneuma do Ressuscitado e dele impregnada. Foi tarefa fundamental para a Igreja nascente a busca de um estilo de vida que expressasse o dinamismo pneumático do Mistério Pascal. Sobretudo, é Paulo quem vai, a partir de sua própria experiência, enfatizar isso (2Cor 5,17; Gl 6,15; Cl 3,9-10).⁵¹

Não obstante ao caráter salvífico e pedagógico assumido pela espiritualidade litúrgica, Matias Augé discorre que ela também se dá em movimento por meio da Ação do Pneuma, ou seja, do Espírito Santo. É a expressão mais profunda da vida cristã, pois tem na liturgia o lugar privilegiado de encontro com Deus e com os irmãos. É uma atitude permanente, um estilo de vida fundamentada no Cristo.⁵²

⁴⁹ LG, n. 40

⁵⁰ LG, n. 41

⁵¹ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro, *Liturgia no Espírito* p. 171

⁵² AUGÉ, Matias, *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*, p. 302

Assim define o autor:

Poder-se-ia definir ou descrever a espiritualidade litúrgica como uma atitude permanente ou um estilo de vida cristã baseado na assimilação e na identificação com Cristo, produzidos pelo Baptismo e Confirmação e alimentados pela plena participação na Eucaristia, os sacramentos em geral e a oração da Igreja; tudo isso no âmbito fundamental do ano litúrgico e segundo o ritmo cílico que lhe é próprio. Observemos que semelhante espiritualidade não se deve entender em oposição ou em concorrência com outras espiritualidades, mas sobretudo como o substrato comum de toda a espiritualidade cristã tal como o exprime a Igreja na sua liturgia.⁵³

Com isso, caminhamos para a compreensão de que a espiritualidade litúrgica pode ser definida como a vida interior nutrida e moldada pela participação consciente e efetiva do homem nos mistérios celebrados pela liturgia da Igreja. É importante destacarmos que não é meramente devocional ou subjetiva, mas é profundamente eclesial e sacramental. O Catecismo da Igreja Católica firma que “*A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força.*”⁵⁴

Para Matias Augé é por meio da espiritualidade litúrgica que “*Celebra-se o mistério de Cristo e, portanto, apresenta-se e vive-se na sua integridade e objectividade redentora, e os diversos ministérios celebram-se como momentos sucessivos da revelação e da realização do único e grande designio salvífico.*”⁵⁵

Já o documento conciliar *Sacrosanctum Concilium* deixa claro que o objetivo principal é a participação integral do homem na graça salvífica porque “*Na liturgia, por meio de sinais sensíveis, é significada e, segundo o modo próprio de cada um deles, realizada a santificação do homem; e, pelo Corpo místico de Jesus Cristo, Cabeça e membros, é exercido o culto público integral.*”⁵⁶

É pela participação efetiva nesta ação que o Dicionário de Liturgia define como sendo uma atitude abrangente que se vê a realidade eminente da liturgia e enxerga também a fonte e o ápice da vida cristã ao longo da caminhada terrena rumo ao reino eterno de Deus:

- 1) Celebração viva – Embora sejam numerosas as ações que precedem e seguem a celebração litúrgica verdadeira e propriamente dita, esta continua sendo o núcleo central, a “ação sagrada” em sentido pleno, em que é dada e comunicada a realidade suprema, a atualização da ação salvífica de Cristo. [...] Exatamente por isso, é natural que depois eu – bem como cada fiel e todos eles – deva esforçar-me por conservar tal contato, tal realidade, mesmo depois que a celebração verdadeira e propriamente dita termina; na oração pessoal, nas atividades e no cumprimento dos deveres da vida cristã, no repouso e no trabalho, até

⁵³ AUGÉ, Matias, *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*, p. 302

⁵⁴ CIC, n. 1074

⁵⁵ AUGÉ, Matias, *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*, p. 302

⁵⁶ SC, n. 7

- mesmo no tomar as refeições com alegria, de modo que tudo, toda a minha vida, esteja verdadeiramente “In Cristo Jesus”. [...]
- 2) Atualização do mistério de Cristo – Fonte última e suprema realização de tudo é o mistério de Cristo em toda a sua amplitude. O “fundamento objetivo” de toda a minha vida espiritual, que deve ser plasmada depois e maneira totalmente pessoal, está na celebração, no memorial real, na atualização, na representação do “mistério”, isto é, de Jesus Cristo na sua morte e ressurreição, para a edificação da igreja, para a santificação dos crentes e de todo povo de Deus na conformação com o Crucificado e Ressuscitado, para a glória de Deus e para a sua adoração em espírito e verdade.⁵⁷

Não obstante, a espiritualidade litúrgica, conforme o Magistério da Igreja, é a forma de espiritualidade mais plenamente inserida na vida da Igreja, pois se fundamenta nos sacramentos, na Palavra e na ação santificadora do Espírito e na vida do homem que busca vivê-la integrada à sua vida. Não é apenas estética ou ritualística; trata-se de uma vivência profunda da fé cristã centrada na celebração do Mistério Pascal de Cristo e vivida em comunhão com toda a Igreja.

Desta forma, a celebração litúrgica possibilita aos fiéis a participação direta na obra da salvação para que por esta vivência sejam transformados “*possam exprimir em si mesmos e revelarem aos outros o próprio Mistério de Cristo, em como a natureza genuína da Igreja.*”⁵⁸

2.2

A Espiritualidade Litúrgica como fonte de Santidade

Falamos anteriormente que a espiritualidade litúrgica é movimento, ação e graça por meio do Espírito Santo nos Sacramentos realizados pela Igreja, de modo especial, na Eucaristia. Ela é fonte de santificação para o homem e a sua ação mistagógica é pedagógica na experiência ministerial. O Papa Bento XVI, na exortação apostólica *Sacramentum Caritatis*, afirma para a Igreja “*que a espiritualidade cristã tem uma característica litúrgica intrínseca. Na Eucaristia, a forma da vida cristã encontra a sua fonte e expressão*” O papa ressalta o valor da Eucaristia não apenas como um rito sagrado, mas como um ponto culminante o qual a espiritualidade cristã encontra sua origem e destino.⁵⁹

A essência da espiritualidade litúrgica é a sua ação comunitária que busca a santificação do homem através dos ritos sagrados, nos quais torna Cristo presente e atuante na vida de quem os celebra. Neste sentido, a *Sacrosanctum Concilium*

⁵⁷ DICIONÁRIO de liturgia, p. 374-375

⁵⁸ BALBINO, Fabio de Souza. Estudo do sintagma "mistério pascal" p. 211

⁵⁹ SC, n.77

afirma que “*Cristo está sempre presente em sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas.*” É perspicaz destacarmos que esta presença não pode ser entendida como um simbolismo, mas é muito além: é real, eficaz e tem o poder transformador por meios dos sinais sacramentais o Senhor envia o Espírito Santo para santificar seu povo e o torna participantes inseridos no Mistério Pascal.⁶⁰

Partindo desse pressuposto, Matias Augé destaca que a Liturgia tem um caráter primordial para a experiência de fé e de transformação interior, considerando-a um espaço onde o divino e o humano se encontram no tempo presente. Assim, “*a espiritualidade litúrgica é uma espiritualidade do tempo, do corpo, da comunidade e da escuta. É a espiritualidade do cotidiano redimido e elevado à dignidade de culto a Deus*” Por meio desta visão, revela-se de forma ampla que a espiritualidade litúrgica possui uma pedagogia de santidade que busca integrar todas as dimensões da existência humana – o tempo vivido (com seus ritmos e ciclos litúrgicos), o corpo (na postura orante, nos gestos sacramentais), a escuta da Palavra (como alimento interior) e a vida comunitária (como espaço da presença de Cristo). Promovendo uma transformação do cotidiano em lugar de celebração e comunhão com Deus, com os irmãos e realizando uma verdadeira integração sacramental da vida para se configurar à imagem do Cristo.⁶¹

2.3

A espiritualidade litúrgica nos sacramentos

Partindo do pressuposto sobre a origem da Liturgia, seu relacionamento com a história da salvação e sua importância na vivência prática da vida espiritual da Igreja, neste tópico buscaremos analisar a espiritualidade litúrgica nos sacramentos como uma das expressões mais autênticas da fé cristã. É por meio da celebração litúrgica, especialmente dos sacramentos, que a Igreja encontra a fonte inesgotável da sua vida espiritual.

Os sacramentos são ações de Cristo mediante a Igreja, sinais eficazes da graça que são dispensados por ele, nos quais a vida divina é comunicada aos seus

⁶⁰ SC, n.7

⁶¹ AUGÉ, Matias. *Liturgia e vita spirituale*. p. 114

membros. Isto se dá necessariamente, a partir da assimilação existencial, pessoal e comunitária dos efeitos espirituais produzidos por cada sacramento.⁶²

Como abordamos anteriormente, é necessário, ressaltarmos nesta nova perspectiva, que segundo o Concílio Vaticano II, a espiritualidade cristã deve estar enraizada na ação litúrgica sacramental. A *Sacrosanctum Concilium* afirma que “*Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas [...] nos sacramentos, por meio dos quais continua a operar a salvação*” Essa presença real e eficaz é a base da espiritualidade sacramental: nela, o fiel não apenas recorda, mas participa da obra salvífica de Cristo.⁶³

A vida espiritual do crente começa pelo Batismo, onde o batizado é introduzido na comunidade de fé para uma nova experiência de vida (cf. Rm 6,3-5). O teólogo Luz Fernando Ribeiro Santana afirma que, por meio deste sinal sagrado o homem é integrado, através da fé, ao projeto salvífico de Deus, que tem como espinha medular o Mistério Pascal de Cristo. “*Somente no Espírito, força de Deus e único perscrutador de seus ministérios, a experiência salvífica, inaugurada pelo batismo, é franqueada aos homens.*”⁶⁴

Posteriormente, pela Eucaristia, que é o núcleo central da vida e da fé cristã, o batizado é convidado a viver em ação de graças, ou seja, em comunhão com Cristo e com os irmãos; e isto lhe confere uma disposição para ir ao sacrifício e a missão. Pela espiritualidade do sacramento da Eucaristia, nos tornamos parte do memorial do sacrifício de Cristo, banquete sacramental da antecipação escatológica⁶⁵

Associado diretamente a Eucaristia, o sacramento da Confirmação confere ao fiel a maturidade espiritual para o testemunho da fé encarnada para ser vivida no seio da Igreja. O Catecismo da Igreja Católica define que é infusão especial do Espírito Santo, da mesma forma que foi outorgado aos Apóstolos, no dia nascente da Igreja em Pentecostes. Este sacramento “*nos enraíza mais profundamente na filiação divina, que nos faz dizer ‘Abbá, Pai’ (Rm 8, 15), e nos une mais solidamente a Cristo. Aumenta em nós os dons do Espírito Santo.*”⁶⁶

O sacramento da Reconciliação é o chamado de Deus para viver reconciliado consigo, com os irmãos e com Deus. É a espiritualidade do

⁶² CIC, n. 1131

⁶³ SC, n. 7

⁶⁴ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro, Liturgia no Espírito p. 137

⁶⁵ cf. CIC, n. 1396

⁶⁶ CIC, n 1303

arrependimento e do fomento à humildade por meio da misericórdia divina. No Dicionário de Espiritualidade encontramos a definição que diz que a Igreja é um movimento de purificação e que somos parte deste, com o objetivo único de sermos perdoados e estarmos sempre reconciliados com Cristo e com os irmãos:

Toda existência da Igreja é purificação, e nós somos parte deste movimento de conversão, cujo momento intenso e privilegiado é marcado pelo encontro sacramental com Cristo. No sacramento da penitência se atualiza pra nós o perdão concedido pelo Pai em Cristo. Este sacramento é um gesto eclesial da conversão e da reconciliação do cristão pecador com Deus e com a Igreja. Nesta perspectiva, o sacramento da penitência, longe de ser um simples lavacro, purificação banal dos pecados cometidos, passando uma esponja na consciência para deixá-la limpa, é parte integrante da história de cada cristão e da história da Igreja, que é história de graça que consiste na construção, como dom e como tarefa da verdadeira personalidade do cristão, inserida de maneira eficaz e responsável na construção da história da Igreja e na história do mundo.⁶⁷

A Igreja Católica tem o sacramento da Ordem como missão confiada pelos Apóstolos, o qual continua perpetuando no tempo da Graça, ou seja, no tempo da Igreja, atualmente. “É, portanto, o sacramento do ministério apostólico. Comporta três graus: episcopado, presbiterado e diaconato.”⁶⁸

O Papa Bento XVI, na exortação apostólica pós-sinodal, *Sacramentum Caritatis*, diz que este sacramento tem um vínculo intrínseco com o sacramento da Eucaristia, assim declara:

O vínculo intrínseco entre a Eucaristia e o sacramento da Ordem deduz-se das próprias palavras de Jesus no Cenáculo: « Fazei isto em memória de Mim » (*Lc 22,19*). De facto, na vigília da sua morte, Ele instituiu a Eucaristia e ao mesmo tempo fundou o *sacerdócio da Nova Aliança*. Jesus é sacerdote, vítima e altar: mediador entre Deus Pai e o povo (*Heb 5,5-10*), vítima de expiação (*1 Jo 2,2;4,10*) que Se oferece a Si mesma no altar da cruz. Ninguém pode dizer « isto é o meu corpo » e « este é o cálice do meu sangue » senão em nome e na pessoa de Cristo, único sumo sacerdote da nova e eterna Aliança (*Heb 8-9*). O Sínodo dos Bispos já se ocupara, noutras assembleias, do sacerdócio ordenado tanto no que diz respeito à identidade do ministério, como à formação dos candidatos. Na presente circunstância importa-me, à luz do diálogo realizado no âmbito da última assembleia sinodal, sublinhar alguns valores que têm a ver com a relação entre o sacramento eucarístico e a Ordem. Antes de mais nada, é necessário reafirmar que a ligação entre a *Ordem sacra* e a *Eucaristia* é visível precisamente na Missa que o bispo ou o presbítero preside na pessoa de Cristo cabeça (*in persona Christi capitis*).⁶⁹

Tendo toda essa ligação espiritual e litúrgica com a história da salvação, o ministro que recebe o sacramento da ordem será um agente que apresenta a Deus a oração da Igreja e é o encarregado por ofertar a Deus, e ao povo o sacrifício Eucarístico.

⁶⁷ DICIONÁRIO de espiritualidade, p. 939.

⁶⁸ CIC, n. 1536

⁶⁹ Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, n. 23

Outro destaque é para o sacramento do Matrimônio que tem sua espiritualidade a partir do amor esponsal, da entrega e da fecundidade. A partir de sua índole natural os cônjuges fazem uma aliança matrimonial pela qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão de toda a vida. O Papa Bento XVI exorta o vínculo entre o sacramento da comunhão e o sacramento do matrimônio. Vejamos:

A Eucaristia, sacramento da caridade, apresenta uma relação particular com o amor do homem e da mulher unidos em matrimônio. Aprofundar tal relação é uma necessidade do nosso tempo. Várias vezes o Papa João Paulo II teve ocasião de afirmar o caráter esponsal da Eucaristia e a sua relação peculiar com o sacramento do matrimônio: « A Eucaristia é o sacramento da nossa redenção. É o sacramento do Esposo, da Esposa ». Aliás, « toda a vida cristã tem a marca do amor esponsal entre Cristo e a Igreja. Já o Baptismo, entrada no povo de Deus, é um mistério nupcial; é, por assim dizer, o banho de núpcias que precede o banquete das bodas, a Eucaristia ». Esta corrobora de forma inexaurível a unidade e o amor indissolúveis de cada matrimônio cristão. Neste, em virtude do sacramento, o vínculo conjugal está intrinsecamente ligado com a união eucarística entre Cristo esposo e a Igreja esposa (*Ef 5, 31-32*).⁷⁰

Por fim, não menos importante, temos a espiritualidade do sacramento dos Enfermos onde o moribundo recebe da Igreja a aceitação e a esperança o qual é unida a dor humana ao mistério da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua ressureição. A característica importante é a sua dimensão eclesial comunitária onde a comunidade testemunha com sua solidariedade o sofrimento e na união buscam a ressureição do sofrimento.

Vejamos como é definido o sacramento da Unção dos Enfermos:

O sacramento da unção não é o sacramento da morte ou da cura: é o sacramento que faz que o enfermo se sinta perto de Cristo e da comunidade cristã, para ajuda-lo em sua “luta contra a enfermidade” e em seu testemunho cristão” (Ritual, introdução, 3) Não se oferece ao enfermo o convite à simples resignação ou a tentativa de consolo, mas a graça do Espírito Santo, orientada no sentido de reavivar a virtude cristã da paciência, que significa capacidade de resistência e fé renovada no mistério pascal.⁷¹

Assim, como os demais sacramentos, a unção dos enfermos também está interligada a espiritualidade litúrgica e tem o seu fundamento na Eucaristia. Por fim, entendemos que os sacramentos estão diretamente ligados a Cristo e à sua Igreja, a comunidade de fé que buscam viver este mistério.

Para o professor Balbino “os Sacramentos constituem uma relação recíproca do Cristo com a sua Igreja.”. É, portanto, uma experiência relacional que possui uma objetividade, a qual é evidenciada por meio dos ritos e dos gestos

⁷⁰ Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, n. 27.

⁷¹ DICIONÁRIO de espiritualidade, p. 322

simbólicos que acompanham cada ação litúrgica. “*Nos Sacramentos ocorre uma manifestação de Deus ao homem e este, por sua vez se volta ao Pai, por Cristo, mediante a força do Espírito santificador.*”⁷²

2.4

Reflexões conclusivas

Ao longo deste capítulo, buscamos aprofundar a compreensão da espiritualidade litúrgica como o coração pulsante da vida da Igreja, enraizada no Mistério Pascal de Cristo e atualizada sacramentalmente por meio da ação do Espírito Santo. A liturgia, conforme expressa na *Sacrosanctum Concilium*, é verdadeiramente o “*culmen et fons*” da existência cristã: o cume para o qual a vida e a missão da Igreja se orientam, e a fonte da qual jorra sua vitalidade espiritual.

Desta forma, entendemos que a espiritualidade litúrgica não é, portanto, um mero conjunto de práticas devocionais ou uma expressão secundária da fé cristã. É a própria configuração do homem ao Cristo. Por meio da participação plena, consciente e ativa na liturgia, sobretudo nos sacramentos, o fiel não apenas recorda, mas é inserido na realidade salvífica de Cristo, sendo progressivamente transformado por ela.

Assim, a espiritualidade litúrgica emerge como um estilo de vida moldado pela escuta da Palavra, pela celebração dos sacramentos, pela oração comunitária e pessoal, e pela vivência cotidiana da fé em comunhão com a Igreja. Nessa espiritualidade sacramental, todo o existir cristão é elevado à dignidade de culto: o tempo, o corpo, as relações, o trabalho e o repouso se tornam expressão do seguimento de Cristo.

Por fim, a espiritualidade litúrgica, enquanto expressão concreta da graça de Deus que santifica, educa e envia, é o espaço no qual o homem se encontra com Deus e é configurado pelo Espírito Santo ao Cristo.

⁷² BALBINO, Fabio de Souza. Estudo do sintagma "mistério pascal" p. 216

3.

O sacramento da Eucaristia

Somos configurados em Cristo por meio da espiritualidade que emana da sagrada Liturgia. No centro está a Eucaristia, que é a fonte e o ápice da vida na Igreja que nos une integralmente ao Cristo, que é Cabeça Divina.⁷³ Neste capítulo, exploramos o sacrifício eucarístico, a mistagogia da fração do pão e a presença real mistagógica de Jesus Cristo na Eucaristia.

3.1

O sacrifício Eucarístico

O magistério da Igreja defini a sagrada Eucaristia sendo um sacrifício porque representa (torna presente) o sacrifício da cruz, é o seu memorial no hoje e no futuro. Por ele, Jesus Cristo ofereceu-se a Deus Pai pela sua morte na cruz, concretizando a história da salvação com a redenção eterna. Foi na Última Ceia, na noite em que foi traído, no qual quis deixar à Igreja um sacrifício visível para perpetuar a sua memória até o fim do mundo e, configurando a nós o seu poder salutar para o perdão dos pecados que cometemos diariamente.⁷⁴

É interessante destacarmos que a Última Ceia não pode ser vista, ainda hoje perpetuado na Igreja, apenas como “*a noite em que Jesus foi traído*” no contexto triste e de dor do início de sua paixão. Mas possui uma experiência convivial que é profunda e marcante de sinais de alegria entre o Mestre e os seus discípulos (cf. Jo 20,20). Assim, sua presença não remonta apenas seu sacrifício de amor, “*mas também de alguém que foi exaltado e que recebeu ‘o nome que está acima de todo nome’ (Fl 2,9).*”⁷⁵

Para Tomás de Aquino, o sacrifício Eucarístico que hoje celebramos é o mesmo sacrifício da Cruz no que se refere à substância, mas que é diferente do oferecido na cruz de forma sangrenta. A diferença se dá que hoje é celebrado a partir do sacramental do altar, define:

⁷³ Vaticano, "a Eucaristia é fonte e ápice da vida e da missão da Igreja", n. 9

⁷⁴ CIC, n. 1366

⁷⁵ DICIONÁRIO de liturgia, p. 397

“O sacrifício que se realiza na Missa é representativo do sacrifício que Cristo ofereceu na cruz. [...] É o mesmo Cristo que se oferece, sendo a diferença apenas no modo da oferta: porque lá foi oferecido de modo sangrento, aqui, de modo sacramental”⁷⁶

Esta distinção proposta por Aquino é fundamental para entendermos o conceito de substância do sacrifício. Entendemos, na visão tomista, que a Eucaristia, sendo um sacramento, nos torna participantes presentes e de forma eficaz do único sacrifício de Cristo.

Aprofundando este conceito, Ratzinger, vai recordar que a Eucaristia não é uma ação litúrgica paralela ao sacrifício de Cristo e muito menos uma performance da invenção humana a fim de se criar um memorial simbólico. Tão pouco, a sagrada Eucaristia não é uma encenação, mas uma presença verdadeira do mistério da salvação manifestado e concretizado em Cristo e perpetuado até hoje na Igreja:

“A celebração eucarística não é uma repetição do sacrifício da cruz, nem um simples banquete de lembrança; é a entrada real no ‘hoje’ de Deus. O evento da cruz e da ressurreição de Cristo atravessa o tempo e se torna presente em nosso meio. [...] A liturgia é muito mais do que uma simples reunião comunitária; ela é ação de Deus que nos atrai para si”⁷⁷

Percebemos na visão de Ratzinger, uma atualização sacramental do mistério pascal, sendo uma ação divina que incorpora a comunidade de fé celebrante ao eterno “hoje” da misericórdia de Deus, que se manifesta na história da salvação a partir do sacrifício de Cristo, o qual é oferecido ainda hoje ao Pai e é celebrado, compartilhado, vivido e comido tornando-se alimento físico e espiritual da Igreja.

É um ato de fé que nos configura ao Cristo, o qual é o verdadeiro sujeito do sacrifício. Para Salvatore Marsili o sacrifício Eucarístico é Cristo total: o Cristo que é a Cabeça, unido ao seu Corpo, que é a Igreja. Em seu pensamento, o sacramento da Eucaristia não é apenas um ato isolado de Cristo, mas é verdadeiramente um ato de comunhão: a Igreja, unida ao seu Senhor, oferece a Deus o mesmo sacrifício pascal da cruz. Podemos dizer que, neste contexto, a Liturgia sacramental do sacrifício é o lugar onde a Igreja participa ativamente da ação redentora de Deus por meio de seu Filho, o Cristo.

“O verdadeiro sujeito do sacrifício eucarístico é o Cristo total, isto é, Cristo-cabeça unido ao seu Corpo que é a Igreja. A celebração eucarística é a ação de Cristo por meio da Igreja e da Igreja por meio de Cristo. Portanto, não é apenas o sacrifício de Cristo, mas o sacrifício da Igreja em Cristo e com Cristo”⁷⁸

⁷⁶ Summa Theologiae, III, q. 83, a. 1, ad 2

⁷⁷ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Espírito da Liturgia, p. 62-63

⁷⁸ MARSILI, Salvatore. Il Mistero Pasquale nella Liturgia, p. 145

Com isso, é reforçada a teologia litúrgica contemporânea de que a Eucaristia é o sacrifício do Copo Místico inteiro de Cristo que é uma oferta espiritual da Igreja unida ao sacrifício único do Senhor. Em concordância com a teologia pós-conciliar do Vaticano II, que acentua que a Eucaristia é o culto do “Cristo total”, ou seja, Cabeça e os membros, cuja sua união se dá por meio da sagrada liturgia. “*Na Eucaristia, a Igreja entra na ação do Cristo total, na sua autodoação ao Pai. Assim, a Igreja não apenas assiste, mas participa, ela mesma se torna oferenda com Cristo*”⁷⁹

A Eucaristia é apresentada como o sacramento que torna presente e atuante o Mistério Pascal de Cristo. Não se trata de uma mera lembrança de eventos passados, mas de uma verdadeira atualização do ato salvífico de Jesus Cristo, permitindo aos fiéis participarem da vitória sobre o pecado e a morte conforme define o professor Balbino:

A celebração eucarística é um memorial da entrega total que Jesus fez de si ao Pai essa entrega, por sua vez, constitui o evento salvífico-pascal. No momento em Jesus caminhava em direção à cruz com Senhor do futuro, Ele deixa antecipadamente a sua presença que se atualizará cada vez que os discípulos farão memória do seu evento de morte e de ressureição. Através da comunhão do corpo e do Sangue o Senhor, a Igreja participa nos bens do sacrifício pascal, atualiza a Nova Aliança e manifesta a sua fé no banquete escatológico, anunciando a morte do Senhor até que Ele venha. Enquanto memorial da obra salvífica, a Eucaristia perpetua o acontecimento único da morte e ressureição de Jesus.⁸⁰

Em suma, percebemos que os cristãos são chamados a unir-se espiritualmente ao sacrifício de Cristo sempre que participam da Eucaristia. Isso significa que a Missa não é apenas um rito, mas um momento em que os fiéis oferecem suas próprias vidas e dificuldades em união com Cristo, conforme define João Paulo II: “*Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, [os fiéis] oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela.*”⁸¹

⁷⁹ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Espírito da Liturgia, p. 58

⁸⁰ BALBINO, Fabio de Souza. Estudo do sintagma "mistério pascal" p. 260

⁸¹ JOÃO PAULO II. Ecclesia de Eucharistia, n. 13

3.2

A mistagogia da fração do pão

Somos configurados em Cristo e chamados a estarmos unidos a Ele e, por meio da “*Fractio panis*”, isto é, fração do pão, a espiritualidade litúrgica introduz os fiéis à vivência interior deste sinal, presente desde as primeiras raízes apostólicas (cf. At 2,42) de alto valor teológico. Desde os primeiros séculos do cristianismo, este rito possui um atributo especial, pois tem um alto valor espiritual e mistagógico, conforme os Padres da Igreja.

Vejamos, São Justino Mátir (Séc. II), na sua Primeira Apologia, vai destacar que os primeiros cristãos celebravam o mistério da Eucaristia da seguinte forma: “*Trazem-se pão, vinho e água ao presidente da assembleia. [...] Após ter dado graças, distribui-se e participa-se dos elementos consagrados, e envia-se aos ausentes por meio dos diáconos*”⁸². É importante percebemos que antes da distribuição existe a “*Fractio panis*” que não pode ser visto apenas como um sinal prático, mas sim da entrega de Cristo por todos nós na Última Ceia.

Posteriormente, no século IV e V Agostinho de Hipona faz uma reflexão teológica e o relaciona diretamente com o Corpo místico de Cristo. Para ele, o pão que é fracionado, ou seja, repartido é o Cristo que se dá e a comunidade de fé que é formada pela sua unidade em todo deste sacramento que é partido e repartido para que se alcance a todos. “*Um só pão, vós sois muitos. Considerai: um só pão, e quantos somos! Assim como este pão é um, ainda que composto de muitos grãos, assim vós sois um corpo em Cristo.*”⁸³ E ainda completa falando sobre a nossa humanidade e que precisamos ser imitadores de Cristo conforme Ele é, conforme Aquilo que recebemos e buscaremos ser: “*Recebei o que sois, e sede o que recebestes: Corpo de Cristo.*”⁸⁴

Na contemporaneidade, vai dizer Vagaggini: “*A fractio panis [...] é o sinal eficaz da comunhão dos fiéis no único Corpo de Cristo. É gesto de unidade, de participação eclesial no mistério pascal.*”⁸⁵ O valor teológico deste gesto abre nossa participação efetiva neste Mistério. O Papa Francisco afirma que, por meio do Pão repartido enxergamos a sua cruz, seu sacrifício e sua obediência

⁸² JUSTINO, Apologia I, 65-67. In: Os Padres Apostólicos, p. 92-95

⁸³ AGOSTINHO. Sermões, p. 85

⁸⁴ AGOSTINHO. Sermões, p. 86

⁸⁵ VAGAGGINI, Cipriano. Il senso teologico della liturgia, p. 347

incondicional ao Pai. É por meio deste ato de amor que somos lavados da cegueira que nos impede de “ver” o Ressuscitado e de crer efetivamente na sua ressureição:

O conteúdo do Pão partido é a cruz de Jesus, o seu sacrifício em obediência de amor ao Pai. Se não tivéssemos tido a última Ceia, isto é, a antecipação ritual da sua morte, não teríamos podido compreender como a execução da sua condenação à morte pudesse ser o ato de culto perfeito e agradável ao Pai, o único verdadeiro ato de culto. Poucas horas depois, os Apóstolos teriam podido ver na cruz de Jesus, se tivessem suportado o seu peso, o que é que queria dizer “corpo oferecido”, “sangue derramado”: e é disso que fazemos memória em cada Eucaristia. Quando regressa, ressuscitado dos mortos, para partir o pão pelos discípulos de Emaús e pelos seus que tinham voltado a pescar peixe – e não homens – no lago da Galileia, esse gesto abre os seus olhos, cura-os da cegueira infligida pelo horror da Cruz, tornando-os capazes de “ver” o Ressuscitado, de crer na Ressurreição.⁸⁶

Implementa Ratzinger, que este gesto da fração do pão nos torna participantes também em sua entrega, entrando também profundamente no mistério da Cruz. Esta entrega também considera nossas limitações, fraquezas e os nossos sofrimentos cotidianos. Vejamos: “*O gesto da fração do pão revela o Cristo partido por nós, e nos introduz em sua entrega. Participar da Eucaristia é entrar no evento da cruz*”⁸⁷

Já para Matias Augé, o gesto da fração do pão é uma porta mistagógica que tem como finalidade levar os fiéis a viverem o invisível que se torna visível e real por meio dos sinais presentes na liturgia: “*A liturgia é lugar da teofania: não apenas ‘fala de Deus’, mas ‘mostra Deus em ato’.* [...] *A mistagogia da Eucaristia é um caminho que introduz o fiel na lógica da cruz, no amor oblativo*”⁸⁸ Neste aspecto, o Concílio Vaticano II, reforça sobre a necessidade de uma participação ativa para uma experiência mistagógica que leve o participante desta liturgia a uma ação performática de união íntima com Deus e com a comunidade de fé.

O documento *Sacroctum Concilium* define:

É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na acção sagrada, consciente, activa e piedosamente, por meio dumha boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador (38), progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.⁸⁹

⁸⁶ FRANCISCO, Papa. Desiderio desideravi, n. 7

⁸⁷ RATZINGER, Joseph. Introdução ao Espírito da Liturgia, p. 53

⁸⁸ AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração e teologia, p. 72

⁸⁹ SC, n. 48

É uma união íntima do mistério celebrado com a comunidade de fé e com o sacrifício é oferecido pelo sacerdote em nome da comunidade a Cristo e a seu Pai. Para Balbino, cada gesto litúrgico-eucarístico tem um sentido teológico de grande profundidade e não são apenas rubricas ou ritos. Mas por meio da Liturgia Eucarística e de suas particularidades “*realiza a mediação ritual entre o Mistério celebrado e a vida do cristão*”.⁹⁰

Por fim, entendemos, conforme o exposto que, o gesto da fração do pão é, desde os tempos apostólicos, profundamente simbólico: ele torna visível o mistério do Cristo crucificado, manifesta a unidade da comunidade de fé reunida, ou seja, a Igreja, e conduz o fiel a uma vivência mistagógica da fé. A Igreja, ao partir o pão, anuncia a cruz, se faz comunhão e professa a esperança da ressurreição.

3.3

A presença real de Cristo na Eucaristia

Já falamos anteriormente que o centro da fé Católica está alicerçado sobre a Eucaristia. Nos primeiros séculos do cristianismo, a Igreja afirmou que as espécies do pão e do vinho consagrados que passam pelo processo de transubstanciação no Corpo e no Sangue de Nossa Senhor Jesus Cristo. Com isso, os padres da Igreja desenvolveram ao longo da história uma rica reflexão para proclamar e refutar algumas heresias.

O período da Patrística, os padres foram unâimes sobre o tema na transubstanciação. No início do século II, Santo Inácio de Antioquia, em uma de suas catequeses afirmou: “*Eles se abstêm da Eucaristia e da oração porque não confessam que a Eucaristia é a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, que sofreu por nossos pecados*” Para Inácio, a Eucaristia é o memorial vivo de todo o mistério Pascal de Cristo se faz presente em nosso meio.⁹¹ Não obstante, São Cirilo de Jerusalém ensina que o pão e o vinho não são mais matérias ordinárias, ou seja, não é um simples pão e qualquer vinho. Pelo contrário, é pelo poder da transubstanciação que se tornam o Corpo e o Sangue do Santíssimo Redentor e Salvador:

⁹⁰ BALBINO, Fabio de Souza. Estudo do sintagma "mistério pascal" p. 270

⁹¹ Carta aos Esmirniotas, 7,1. In: Os Padres Apostólicos. p. 111

Não julgues que é pão e vinho ordinários. [...] Pois, assim como o pão e o vinho do altar, depois da invocação do Espírito Santo, não são pão e vinho, mas o corpo e o sangue de Cristo, assim também a alma participante se torna do Cristo.⁹²

Quando recorremos ao Magistério da Igreja, temos uma clareza enorme a partir do Concílio de Trento (1545 – 1563), reafirma a real presença de Cristo na Eucaristia. O concílio destaca, conforme dito anteriormente por outros autores e padres da Igreja, não se trata apenas de um memorial psicológico ou apenas um ato litúrgico, mas é o ato sacramental da pessoa glorificada do Senhor:

No augustíssimo Sacramento da Eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, está contido verdadeira, real e substancialmente sob a aparência dessas realidades sensíveis.⁹³

Desta forma, o conceito de transubstanciação é tanto teológico quanto filosófico; não adentraremos em profundidade porque não é o material de estudo direto deste trabalho. O que nos interessa é que a transubstanciação é a mudança da substância ou das substâncias que constituem o pão e o vinho na Substância do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que permanece apenas com o aspecto de pão e de vinho.

Os Padres da Igreja não viam apenas a presença real de Cristo na Eucaristia; para eles o sacramento é o verdadeiro alimento da imortalidade. Para São Justino, “*Este alimento, que chamamos Eucaristia, não é recebido como pão ou bebida comum. [...] Nós recebemos, de fato, o Corpo e o Sangue de Jesus encarnado.*⁹⁴” Posteriormente, São João Crisóstomo afirma que não é uma transformação humana: “*Não é o homem que faz com que os dons se tornem Corpo e Sangue de Cristo, mas o próprio Cristo, que foi crucificado por nós*⁹⁵. ”

Este significado ganha mais profundidade no Concílio do Vaticano II, por meio da *Sacrosactum Concilium* e *Lumen Gentium* onde retomam este assunto, mas abordando no víeis pastoral e da profundidade mistagógica. “*Cristo está presente na sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro... como sobretudo sob as espécies eucarísticas.*⁹⁶” Reforçando a pluralidade do mistério de Cristo em suas diversas formas, seja na palavra proclamada, na assembleia reunida, ou nas espécies do Pão e do Vinho.

⁹² Catequese Mistagógica IV, 3. In: SCHÖNBORN, Christoph von, p. 81

⁹³ DH 1651

⁹⁴ JUSTINO, Apologia I, 66. In: *Os Padres Apostólicos*. p. 92-95

⁹⁵ JOÃO CRISÓSTOMO, Catequeses batismais, vol. 64, col. 527.

⁹⁶ SC, n. 7

Neste aspecto, declara o Papa João Paulo II: “*A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio centro do mistério da Igreja.*”⁹⁷

Alargando a compreensão sobre essa vivência diária, o professor Balbino diz que, na Última Ceia, mesmo diante da traição, Jesus instituiu o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para que este evento salvífico fosse perpetuado na vida do povo até a sua volta. E isso, se dá necessariamente por meio da Igreja e da sua ação sacramental:

Na última ceia, na noite em que seria traído, nosso Salvador instituiu o sacrifício eucarístico do seu corpo e sangue, que perpetuaria o sacrifício da cruz durante séculos, até que voltasse. Legou assim a sua Igreja, como à esposa amada, o memorial de sua morte e ressureição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade e banquete pascal, em que se toma Cristo, em que a mente se enche de graça e em que nos é dado o penhor da glória futura.⁹⁸

Por fim, entendemos que a sagrada presença de Jesus Cristo na Eucaristia é o centro da vida e da espiritualidade cristã. Esta verdade de fé é afirmada desde os Apóstolos, desenvolvida de forma espirituosa e mística pelos Padres e pelo Magistério. O sacramento da Eucaristia não é algo apenas para acreditar, mas é para ser vivido. Por ele e nele somos chamados a sermos adoradores e a tornar-nos presença viva Dele no mundo hodierno por meio da comunhão entre os irmãos.

3.4

Reflexões conclusivas

Ao longo deste capítulo, buscamos as múltiplas e profundas dimensões do Sacramento da Eucaristia, demonstrando como este mistério central da fé nos configura a Cristo, tornando-se verdadeiramente a fonte e o ápice da vida eclesial. A jornada que percorremos, desde a natureza sacrificial da Missa até a Presença Real de Jesus no pão e no vinho, converge para uma única e transformadora verdade: na Eucaristia, não apenas recordamos, mas participamos ativamente da vida divina.

Esta realidade sacrificial é vivenciada e internalizada através da mistagogia da fração do pão. Este gesto, carregado de significado desde os tempos apostólicos,

⁹⁷ Ecclesia de Eucharistia, n. 1

⁹⁸ BALBINO, Fabio de Souza. Estudo do sintagma "mistério pascal" p. 261

revela-se como mais do que uma simples ação. Este gesto, por sua vez, nos conduz ao coração do mistério: a Presença Real e substancial de Cristo.

Em suma, a espiritualidade que emana da liturgia eucarística é um caminho de configuração a Cristo. No sacrifício, unimo-nos à sua oferta; na fração do pão, tornamo-nos um só corpo; e na comunhão, somos alimentados por sua presença viva. A Eucaristia, portanto, não é um mistério para ser apenas crido, mas para ser vivido. Ao participarmos dela, somos chamados a nos tornar aquilo que recebemos: a presença amorosa e sacrificial de Cristo no mundo, testemunhando, pela comunhão fraterna e pelo serviço, o mistério de salvação que celebramos no altar.

4.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, identificamos que a mistagogia eucarística é mais do que uma ferramenta catequética: trata-se de um itinerário existencial que conduz o fiel à plena configuração com Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote. Partindo da natureza da Liturgia, percebeu-se que ela não é um simples ritual religioso, mas o espaço teológico por excelência onde a história da salvação se atualiza no tempo, assumindo valor transformador na vida e na missão da Igreja. A partir do sacerdócio eterno de Cristo, a Liturgia se consolida como mediação eficaz entre o divino e o humano, renovando, na Eucaristia, o sacrifício pascal como oferta viva que interpela e compromete o crente.

A espiritualidade litúrgica, por sua vez, revelou-se como escola perene de santidade, onde a celebração não apenas instrui, mas conforma ontologicamente o fiel ao mistério celebrado. Cada gesto e símbolo, longe de serem meras expressões culturais, são veículos de graça que inserem o sujeito eclesial numa dinâmica de oblação e comunhão. A vida sacramental, nesse contexto, torna-se a via pela qual o cristão se deixa plasmar pela ação do Espírito, sendo educado pelo ritmo do ano litúrgico e alimentado pela Palavra e pelos sacramentos.

Por fim, o estudo do sacramento da Eucaristia demonstrou que, pela sua dimensão mistagógica, o fiel é introduzido gradualmente na realidade do Corpo de Cristo. A fração do pão é compreendida como lugar de revelação e pertença, onde a presença real de Cristo transforma não apenas o pão e o vinho, mas também o ser do cristão. A celebração eucarística, portanto, forma um *ethos* cristocêntrico que molda a vida, a ética e a missão do discípulo em meio ao mundo.

Assim, conclui-se que a mistagogia eucarística é um caminho de espiritualidade litúrgica encarnada, que envolve todo o ser humano — corpo, mente e espírito — em uma dinâmica de comunhão, sacrifício e missão. Celebrar a Eucaristia é, portanto, tornar-se aquilo que se recebe: Corpo de Cristo para o mundo.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO. *Sermões*. Tradução de Maria do Carmo Chagas. São Paulo: Paulus, 1999-2000. Volumes IV e V.
- AQUINO, Tomás de. *Summa Theologiae*, III Pars.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia e vita spirituale*. Roma: CLV – Edizioni Liturgiche, 1998.
- AUGÉ, Matías. *Liturgia: história, celebração e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BALBINO, Fabio de Souza. **Estudo do sintagma "mistério pascal".** Rio de Janeiro: A Capital, 2024.
- Bento XVI. *Carta Apostólica “Porta Fidei” – Bento XVI*. Presbíteros. Disponível em: <https://presbiteros.org.br/carta-apostolica-porta-fidei-bento-xvi/>. Acesso em: 29 de maio de 2025.
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, 2007.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: Teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- Catecismo da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana. Paulus, 2000.
- CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. In: SCHÖNBORN, Christoph von. *A Catequese Mistagógica dos Padres da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1995.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição sobre a Sagrada Liturgia Sacrosanctum Concilium*, 1963.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. In: Documentos do Concílio Vaticano II. Paulus, 2000.
- DICIONÁRIO de espiritualidade. Organizado por Stefano de Fiores e Tullo Goffi; tradução da edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra, Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993.
- MONDONI, Danilo. **Teologia da Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Loyola, 2000.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica, 2013.
- GUITTON, Jean. *A Experiência Mística*. São Paulo: Agir, 1964.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta aos Esmirniotas*. In: *Os Padres Apostólicos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia*. Vaticano: Santa Sé, 2003. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html>. Acesso em: 14 de junho de 2025

JUSTINO, *Apologia I*, 65-67. In: *Os Padres Apostólicos*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 92-95

CRISÓSTOMO, João. *Catequeses Batismais*. Tradução de Afonso Soares. São Paulo: Paulus, 1997.

MARSILI, Salvatore. *Il Mistero Pasquale nella Liturgia*. Roma: CLV-Edizioni Liturgiche, 1965.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução de Álvaro Cunha; revisão geral Honório Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1983.

PAPA FRANCISCO. *Desiderio Desideravi: carta apostólica sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. Vaticano: Santa Sé, 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2001.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). **Dicionário de liturgia**. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

VAGAGGINI, Cipriano. *Il senso teologico della liturgia*. Roma: CLV, 1959.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido Teológico da Liturgia**. São Paulo, Loyola, 2009.

VAN DEN BORN, A. (Red). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1987

VATICANO. *A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja - Lineamenta*. Roma: Santa Sé, 2004. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20040528_lineamenta-xi-assembly_en.html>. Acesso em: 13 jun. 2025.

VATICANO. *Sacramentum Caritatis: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*. Cidade do Vaticano: Santa Sé, 2007. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: [30 de maio de 2025].